

A literatura ajuda e de que maneira a compreender um país. Eu, de Moçambique, apenas tinha lido Mia Couto e José Craveirinha. Ainda não regressei a Portugal, contudo eu colecionador, não de objetos ou artefatos, mas de memórias, sei que vou daqui de Moçambique com o coração e alma cheia de vivências inesquecíveis.

Na minha permanência em terras moçambicanas enriqueci o meu conhecimento deste país através de viagens e da leitura nas deslocações e nos tempos mortos de romances da Paula Chiziane, do Álvaro Carmo Vaz e do João Paulo Borges Coelho para além de ter lido a coletânea Buganvílias, Carapau e Repolho – Histórias do tempo vivido.

Se algumas dúvidas houvesse, aqui dissiparam-se todas, o basquetebol, nomeadamente o universo do minibásquete é a minha segunda família. Por um conjunto muito diversificado de razões que remontam ao imaginário da minha infância e adolescência, sem nunca aqui ter vivido, Moçambique é de certa forma a minha segunda pátria. Foi aqui, na cidade da Beira em 1964, pela mão do visionário Cremildo Pereira, que a palavra minibásquete entrou no léxico da língua portuguesa. Foi para aqui, que veio viver para Lourenço Marques, atual Maputo, o meu primeiro grande amigo de infância, o Fernando Mora Ramos. Curiosamente mais tarde, e uma vez mais foi o basquetebol que nos uniu, fiquei muito amigo do seu irmão o Tó Mora Ramos. Foi aqui que, na minha adolescência, ouvi fascinado falar sobre os torneios da Milo e da Coca-Cola, (nesse tempo uma bebida proibida em Portugal). Foi daqui que saíram muitos apaixonados da modalidade que ajudaram e de que maneira a difundir a modalidade pelas grandes cidades e pelos lugares mais recônditos de Portugal.

Muitas são as ligações da minha “segunda família” a este país, reforçadas pela recente amizade, criada aqui em Moçambique, com o ex-basquetebolista Emanuel Costa, formado no Scalipus pelo companheiro Júlio Silva, e grande amigo dum amigo comum o Paulo Mamede. Aqui em Maputo tive o privilégio de conhecer pessoalmente o Prof. António Azevedo, um profundo conhecedor do movimento do minibásquete moçambicano. Cruzei-me com o companheiro Amândio Amorim e com Carlos Cardoso, que após a minha apresentação, a convite do Edison Saranga no Clinic de Homenagem ao saudoso Henrique Vieira, logo me convidou para fazer uma ação de formação no mítico pavilhão do Maxaquene (Ex Sporting de Lourenço Marques).

A ação era para ter sido na última quinta-feira, mas as fortes chuvas, que caíram em Maputo inviabilizaram a ação e a pedido do companheiro Hermínio Changule foi adiado para hoje dia da publicação deste artigo. Os temas que com todo o prazer irei abordar serão: A construção de um exercício, e diferenças entre o ensino dos fundamentos e ensino do jogo.

Em breve regressarei a Portugal, mas a todos que lerem este artigo sugiro vivamente, se tiverem essa oportunidade, uma visita à fabulosa Ilha de Moçambique, património mundial da Unesco.